

Trajetórias de construção e formação de uma professora de ciências naturais

 <https://doi.org/10.56238/sevened2024.010-071>

Gerlany de Fátima dos Santos Pereira

Doutora em Educação em Ciências e Matemáticas

Área de concentração: Ensino de Ciências e Matemática

Universidade do Estado do Amapá

E-mail: gerlany.pereira@ueap.edu.br

RESUMO

Trata-se um texto edificado sob égide da perspectiva autobiográfica, com recortes memoriais formativos de uma Professora de Ciências Naturais, que teve sua trajetória atravessada pela paixão pelas Ciências, desde sua infância. Ao longo do constructo, narramos fatos que resgatam estas memórias e evidenciam como a Professora em questão foi construída e formada em uma Professora de Ciências Naturais, que atua no nível superior.

Palavras-chave: Ensino, Ciências, Autobiografia.



1 INTRODUÇÃO

“[...] Nossa busca de descobertas alimenta nossa criatividade em todos os campos, não só na ciência. Se atingíssemos a meta, o espírito humano definharia e morreria”.
(Stephen Hawking – O Universo numa casca de noz).

Não é novidade para as pessoas que me conhecem o quanto gosto de Stephen Hawking. Sua inteligência, perspicácia e bom humor, contagiam! As leituras dos seus livros sempre me levaram a tecer reflexões que me intrigam, até mesmo pelos tipos de pergunta que ele utiliza em suas obras. Considero pertinente o trecho acima aludido e o escolhi para serem as palavras iniciais deste texto, por acreditar que ainda estou em um processo de “descoberta” e ao mesmo tempo de construção e formação enquanto professora de Ciências Naturais. Concordo com sua assertiva, pois também acredito que temos a constante necessidade de sempre empreendermos algo novo, caso contrário, não faria sentido nossa existência.

Assim, tomando a perspectiva autobiográfica como constructo teórico, me lancei pela primeira vez, em minha trajetória acadêmica a delinear alguns traçados de minhas memórias de escolarização. Desta forma, o presente texto tem como objetivo, resgatar as memórias formativas de minha construção e formação enquanto professora de Ciências Naturais. Nesse sentido, fiz alguns resgates de memórias antes da maternidade atípica, pois o que precisa ser escrito para depois da maternidade atípica, é algo que requer mais tempo e espaço do que teremos neste momento.

O presente texto, ficou “engavetado” por 10 anos. E “revirando” textos antigos em um HD antigo, o encontrei... e resolvi “terminá-lo”. Entre aspas porque trata-se de um texto que mesmo com as atualizações da maternidade atípica, não estará acabado, e nem perto disso. Enquanto eu viver vou continuar me dedicando à ciência, pelo menos um pouco, já que agora tem uma criança linda em minha vida, que se comunica sem expressar as palavras, como as demais crianças, que requer muito do meu tempo. A minha pequena sereia quebrou todos os paradigmas de minha existência. Então hoje entendo o porquê esse texto ficou guardado. É porque minha vida não estava completa sem a sereia nele.

Para isso, lanço mão de uma pesquisa de abordagem qualitativa, nos termos de Minayo (2012), tomando como constructo metodológico o estudo de caso, nos termos de Yin (2011).

2 RECORDANDO MINHA HISTÓRIA DE ESCOLARIZAÇÃO

Minha explanação neste texto dar-se-á por meio de recordações. Corroboro com o pensamento de Gadamer (2005, p. 216), ao referir que “[...] a recordação só tem valor de recordação para quem ainda tem um laço com o próprio passado. As recordações perdem o seu valor quando o passado que nos recordam não tem mais nenhum significado”. E exatamente por considerar ser parte importante de minha trajetória de vida, é que trago estas primeiras recordações formativas de minha infância, que me

remetem um tempo que outrora fora permeado de experiências já relativas à educação, mesmo que eu não percebesse isso na época.

Assim, trago minhas recordações, minhas memórias, que estão guardadas em um lugar muito especial do meu subconsciente, em um tempo situado no meu passado e no meu presente, pois “O tempo é memória; o tempo instala-se nas vivências circunscritas em momentos; o tempo é o situar-se no passado e no presente. Tempo, memória e esquecimento. Uma trilogia para pensar a arte de lembrar, para estruturar um olhar sobre si, para revelar-se” (SOUZA; FORNARI, 2008, p. 114).

E no resgate destas memórias, consigo buscar recordações dos tempos de minha alfabetização, ainda em Gurupá, município do interior do Pará, no qual nasci. A pessoa responsável por este feito foi a já falecida educadora Rosa Bahia. Consigo recordar um pouco dela, era uma pessoa gentil e paciente, que percebeu meu interesse em querer “aprender as letras”, com cerca de três, quatro anos de idade. Certa vez que fui fazer alguma coisa em sua casa, a pedido de minha mãe, e foi então que vi em seu sofá um livro. Fiquei encantada! Ela colorido, cheio de ilustrações bonitas... e letras! Enquanto esperava a professora sair do banho, sentei-me ao sofá (mesmo sem ser convidada!) e comecei a folhear aquele livro, ao mesmo tempo em que imaginava o que aquelas letras queriam dizer. E fiquei ali falando sozinha e dando nome aos personagens. Foi então que me assustei quando ela se dirigiu a sala com um sorriso no rosto, perguntando o que minha mãe queria. Dei o recado e devolvi o livro para o sofá. No outro dia, minha mãe me disse que eu poderia ir ao final da tarde até casa da professora Rosa, que ela iria me ensinar a ler. Fiquei tão empolgada, que sai de casa trajando apenas uma “peconha¹”, como dizia minha falecida avó. Ao mesmo tempo em que corria com um lápis e um caderno na mão! Disso eu lembro bem! Mas não consigo me recordar em detalhes do processo de alfabetização em si, só sei dizer que ao final do ano de 1989 (aos cinco anos de idade) já estava alfabetizada.

Neste mesmo ano, por problemas de saúde na família, fomos morar no estado do Amapá, precisamente na cidade de Santana, já que lá os recursos eram um pouco melhores do que em Gurupá. Consigo me lembrar de muito antes do meu primeiro dia de aula. Recordo-me do teste de seleção que fiz para ingressar na escola que estudaria por toda minha Educação Básica, qual seja: Escola Janary Gentil Nunes - Fundação Bradesco. A Diretora da escola era uma senhora loira e simpática, a Professora Francisca, carinhosamente chamada pelos alunos de “Tia Bonita”. Ela própria aplicou o teste. Lembro-me que achei fácil. Deveria identificar cores, formas geométricas e letras. Ela lia o comando das questões e eu respondia, entretanto, foi interessante quando eu comecei a ler as instruções para a realização do teste. Foi então que, com um sorriso no rosto, ela disse a minha mãe: “Mas a senhora não me falou que ela já era alfabetizada”. Eu não fazia a mínima ideia do que ela queria dizer com isso à época. Só sei que consegui a vaga para estudar na considerada, melhor escola do Amapá.

¹ Era como a minha avó materna chamava para as roupas íntimas.



Meu primeiro dia no assim chamado “Jardim de Infância” é algo que também está abrasado em minhas recordações. Era fevereiro de 1990, eu tinha 5 anos completos. Era uma criança franzina, calada, que gostava muito de música e com frequência escutava Raul Seixas, Legião Urbana, Maria Betânia, Pink Floyd e Beatles. Lembro-me que acordei cedo, antes do relógio despertar. Minha mãe me deu banho, tomamos café e fomos andando para a escola, que era perto da minha casa. Aquele espaço era imenso, encantador e paradoxalmente assustador e, conseguia ser ao mesmo tempo, bonito e cheirava bem. A escola sempre foi florida, limpa, tinha muita grama e um parquinho. O refeitório era imenso, bem como a quadra de esportes; os corredores espaçosos, as salas de aula grandes e era muito ventilado. E tinha também algo que considero muito importante... o lanche (sempre) foi excelente! Sentei-me bem à frente (e assim foi por toda minha vida acadêmica) e aquela pessoa magra, de cabelo “chanel” e pele morena se apresentou: “Bom Dia crianças. Eu sou a Professora Lúcia Bezerra”... Era a “Tia Lúcia” que seria minha professora o ano inteiro e mais o ano seguinte, no chamado “Pré-escolar”! Gostava muito dela, era uma pessoa séria e ao mesmo tempo, paciente e atenciosa.

Foram dois anos muito proveitosos. Aprendi muito com ela, suas aulas eram divertidas, e constantemente me pedia ajuda em pequenas tarefas, “orientava” os outros coleguinhas de classe que não estavam entendendo o que deveria ser feito em determinada atividade. Eu sempre conseguia finalizar as atividades bem antes dos demais coleguinhas.

Ao final do ano de 1991, estava preocupada se a “tia do ano que vem”, a minha professora da 1ª série, seria legal. E ela era sim, a “Tia Goreth”. Mas o engraçado é apesar de ela ser uma boa professora e eu ter gostado muito dela, nem consigo me recordar do seu rosto da mesma forma que me recordo da “Tia Lúcia”. Só me lembro que ela era magra, pele clara, com o cabelo castanho claro e “chanel”. Acho que era moda na época!

Assim, o ano de 1992 passou, e no ano seguinte (1993), minha professora da 2ª série era uma linda senhora, com o mesmo nome da minha avó materna a “tia” Maria Gomes. Sempre usava saia, com o cabelo negro, longo e ondulado, e um sinal vermelho e intrigante no rosto, perto do olho direito. Trata-se de uma pessoa por quem guardo muito carinho e que representou muito em minha formação. Ela foi a grande incentivadora do desenvolvimento (pelo menos em mim) do hábito da leitura. A “tia” Maria Gomes, delegou a turma uma atividade interessante, ainda no primeiro dia de aula e nos deixou avisados que não valia ponto! Todos os alunos deveriam ler um livro por mês. O livro que quisesse, a escolha seria nossa, toda sexta-feira íamos para biblioteca ler (e que biblioteca maravilhosa era a nossa!), e ao final de cada mês, três alunos seriam “sorteados” para explicar o livro para a turma, enquanto os demais deveriam escrever uma redação sobre o livro que haviam lido... a atividade durou o ano inteiro e sou muito grata a professora por isso, pois a partir daí, segui durante toda minha vida escolar lendo um livro por mês.

Conto essa história para todos os amigos meus, que o livro que escolhi para ler no primeiro mês foi “Sonho de uma noite de verão” de William Shakespeare. Para falar a verdade, foi o primeiro livro que li em minha vida, e achei o livro difícil, cheio de palavras novas, e todas as segundas-feiras, me dirigia à mesa da professora para perguntar o significado das palavras do livro que eu não entendia. Até que ganhei um dicionário dela. Acho que ela estava cansada de tantas perguntas! Mas o ano todo passou e eu nunca fui “sorteada” para falar dos livros que lia, mas escrevia sobre eles todos os meses.

3 UM ANO DE ATROPELOS!

No ano seguinte (1994), com muita dificuldade cursei minha 3ª série, com a Professora Kátia. Ela não nos deixou chamá-la de “tia”, e nos explicou que não era nossa parente consanguínea, por isso não deveríamos chamá-la de tal forma. Falo da dificuldade posto que, este foi um ano particularmente traumático e difícil em minha vida. A história começa no ano anterior a este (1993). Minha mãe havia desenvolvido uma um grave problema de saúde. Tratava-se de um carcinoma indiferenciado das células de sua pálpebra superior direita (era um tumor maligno, um tipo de câncer raro). Ela já havia realizado três cirurgias em Macapá e o problema que tinha começado como um simples cisto havia tomado sérias proporções. Então, em 1993 ela começara seu tratamento que culminou com uma série de 12 cirurgias, uma úlcera de córnea em decorrência da exposição sofrida e a perda de sua visão – que fora posteriormente recuperada, pelo que os médicos denominaram “remissão espontânea”. Mas para minha família, o nome é outro: milagre, visto que ela já estava com a cirurgia marcada para amputar o olho, devido ao fato de não responder ao tratamento da úlcera, e sua córnea ter se recuperado da lesão literalmente “de um dia para o outro”.

Assim, em meio a um término de ano conturbado pela doença que acometera minha mãe, nosso início de ano de 1994 fora se complicando ainda mais, pois em fevereiro do corrente ano, eu, meus irmãos e meu pai sofremos um grave acidente de trânsito. Fomos atropelados em uma parada de ônibus, por um senhor que dirigia alcoolizado. Resultado: meu pai teve sérias concussões cranianas, foi vítima de amnésia por mais de um mês e necessitou de cuidados por não conseguir se lembrar nem dos filhos, nem da esposa e nem de si próprio! Minha irmã, foi tão brutalmente machucada, que podia-se ver a exposição de sua musculatura em toda sua região lateral esquerda, o seu tecido mamário ficou exposto e ela precisou de muitos cuidados para as feridas não infeccionarem.

Por sua vez, eu tive perfuração pulmonar, fraturas na clavícula e braço direitos, incontáveis hematomas e necessitei da ajuda de um respirador em uma Unidade de Terapia Intensiva, para conseguir respirar, durante 15 dias. O único que saiu “ileso” fisicamente, apenas com arranhões foi meu irmão de 6 anos. Em meio a todo esse caos, foi um ano difícil na escola. Devido aos fatos ocorridos eu fiquei muito triste e não conseguia entender muito bem o que estava acontecendo conosco e principalmente com minha mãe, que estava longe de nós nesse momento tão difícil. Eu chorava muito,

não era nem tanto pelas dores físicas, mas pelo fato de saber que ela podia morrer, e isso era a pior coisa que podia acontecer em minha vida, pois para uma criança de 9 anos, que estava longe do pai (que não me reconhecia), da mãe (internada em Belém à tratamento) e dos irmãos.

Posso estar parecendo “melodramática” ao relatar tais acontecimentos, mas eles de fato, foram muito marcantes em minha vida. Assim, resolvi trazer essas memórias por considerar que “[...] o autorrelato, mobilizando a densidade de nossas experiências como protagonistas, acontece numa tessitura complexa da alteridade que articula a privacidade de um sujeito narrativo e o seu espaço sócio-histórico” (SOUZA; FORNARI, 2008, p. 130).

Assim, nesse espaço sócio-histórico de formação escolar, me (re)inseri na escola mesmo com o braço direito fraturado e com vários outros problemas de saúde que eu também enfrentava. Foi muito difícil me (re)adaptar, pois sentia que as pessoas me olhavam com pena. “É aquela menina que foi atropelada com toda a família e a mãe tá com câncer” – ouvi certa vez! Tinha que escrever com a mão esquerda. Minha professora era compreensiva, não me obrigava a fazer nada, mas eu mesma me cobrava, porque já tinha faltado muito às aulas. E mesmo com dores no braço e pulmão ia para a escola.

Minha mãe, carregada de preocupações solicitou uma licença de menos de um mês de seu tratamento e foi para Santana nos ver. Ao se deparar com a situação na qual me encontrava, chorando de dor por causa do braço, me levou ao Pronto Atendimento. Foi então que depois de um mês decorrido do acidente, fomos descobrir as fraturas do braço e clavícula. Pois como os médicos deram mais atenção ao problema pulmonar, não realizaram nenhum exame de imagem, e eu estava em coma induzido na UTI, eles não sabiam das fraturas. Então, tive que operar. Tive muito medo, especialmente porque quando fiz a cirurgia, minha mãe havia voltado para Belém para prosseguir com o tratamento. Novamente me afastei da escola. Fiquei “de recuperação” em todas as disciplinas por ter perdido o período de provas, mas ao final do ano, fui aprovada em tudo, passei com boas notas durante todo esse processo, tive muito medo da morte. Não da minha, mas da minha mãe. Assim, remeto-me às palavras de Hawking e Mlodinow (2011, p. 7)

Cada um de nós existe apenas por um breve lapso de tempo, durante o qual exploramos apenas uma porção diminuta do universo. Mas o ser humano é uma espécie curiosa. Questionamos, buscamos respostas. Vivendo nesse vasto mundo, ora generoso, ora cruel, e contemplando o céu infinito acima de nós, sempre nos colocamos inúmeras questões [...] (HAWKING; MLODINOW, 2011, p. 7).

E às vezes eu me percebia olhando para o céu infinito e me questionando várias coisas. Por que aquilo tudo estava acontecendo comigo e com minha família? Será que as coisas ficariam bem depois de tudo aquilo? Minha mãe voltaria “de vez” para a gente? Eram muitos os pensamentos que se passavam em minha mente... E mais um ano se passou.

No ano seguinte (1995), cursei a 4ª série, com a “outra” Professora Lúcia (falávamos assim logo no início do ano), que foi ganhando nosso afeto com muita facilidade. Éramos muito cobrados,

porque no próximo ano faríamos a 5ª série, seriam muitos professores e teríamos vários horários, realizávamos muitas leituras e ela passava “ditado” praticamente todos os dias. Já ouvíamos falar desde o início do ano, dos professores da 5ª série. Seria algo assustador?! Para mim, diria desafiante, pois já não era aquela menina “medrosa” do primeiro dia de aula do Jardim de Infância... Mas isso é outra história. Minha mãe já estava de volta em casa. Mas muito fragilizada, pela doença e por todo sofrimento que havia passado, não precisava ela falar nada, mas seus olhos eram tristes e ela não era mais aquela pessoa alegre. As coisas não estavam bem. Eu sempre estava preocupada com ela e vivi uma infância dentro de casa, porque tinha asma, ‘reumatismo’, enxaqueca e insônia. Nesse ano, em decorrência de motivos aos quais não conseguia entender na época, meu pai saiu de casa. A separação deles foi difícil para nós. Ele nunca nos abandonou financeiramente falando, mas sentíamos a falta de um pai, principalmente, porque depois que a minha mãe teve câncer, ela ficou muito debilitada e os próximos anos para ela não foram fáceis, lembro-me que ela contraiu leptospirose, depois malária, e dengue. Sem mencionar os sérios problemas na coluna que ela desenvolveu devido às sucessivas internações.

4 O MOMENTO QUE ME PERCEBI APAIXONADA PELAS CIÊNCIAS!

Mais um ano se passou, e acredito que foi nessa época que percebi o quanto gostava das questões relacionadas à vida. Não sei se por querer entender os problemas de saúde da minha mãe, ou meus próprios problemas, ou se já era ‘vocação’. O meu “despertar” para a Biologia... nem consigo descrever como se deu. Acho que foi desde sempre. Recordo-me que por volta da 2ª, 3ª série, já me encontrei enamorada pelo funcionamento do corpo humano. Nem sabia do nome, mas achava a fisiologia, fascinante! Achava incrível o funcionamento desse sistema perfeito, e ia muito feliz para a escola, quando sabia que ia ter aula de Ciências. Gostava de todas as disciplinas (só não tinha muita simpatia com a Matemática, e olha que coisa engraçada, nenhum professor me explicou que a linguagem do universo é a matemática, mas quando descobri isso, passei a ter muito respeito e admiração pela matemática).

Lembro-me que minha curiosidade, levou-me a matar um pobre sapinho, porque eu queria saber como era o sangue e o coração dele (eu tinha visto a figura em um livro). Embora não tivesse conhecimentos de Bioética, depois fiquei com pena do sapinho de ter feito aquilo de maneira dolorosa para ele, mas não me arrependi, porque vi que a figura do livro não era tão legal quanto ver aquilo de verdade. E eu tenho uma prima, a qual admiro profundamente até hoje. A Rôane. Nossa eu idolatrava aquela garota, por conta do seu conhecimento de Ciências. Eu ia para a casa da minha madrinha não só porque gostava de lá, mas também porque a “Rô” (ainda chamo ela assim até hoje) ficava me falando das coisas que estudava em Ciências ... Não consigo ouvir falar em rochas magmáticas e sedimentares sem me lembrar dela. Eu queria ser médica! E acredito que isso se tornou um desejo em minha vida,

porque acreditava que poderia ajudar outras crianças a não terem que passar tudo que passei em minha infância por causa dos problemas de saúde da minha mãe. Assim, acredito que o amor pelas Ciências se deu desde sempre em minha vida, mas me percebi profundamente enamorada por ela, um pouco antes de começar a cursar a 5ª série.

5 DA 5ª A 8ª SÉRIES: CONTRIBUIÇÕES DOS PROFESSORES MARCANTES NA MINHA TRAJETÓRIA DE FORMAÇÃO

E assim, chegou o ano de 1996. A tão esperada 5ª série. Muitos horários diferentes, um professor para cada disciplina ... Muitas descobertas escolares estavam por vir, e é claro que procurei saber do professor de Ciências. Assim, me deparei no segundo dia de aula com uma figura ilustre chamada Jerônimo, um senhor de uns 45 a 50 anos; lembrava-me aqueles cientistas “birutas”, dos quais vemos a representação estereotipada pelo senso comum. Era um pouco estressado, às vezes atirava giz nos garotos inquietos que não prestavam atenção à aula, mas tinha um conhecimento incrível. Nossa “química mental” fora imediata. Ele foi meu professor por 2 anos e com certeza, foi meu um dos meus “professores inesquecíveis”. E destaco aqui, que esse ano, também foi um ano difícil para mim. Pois me deparei pela primeira vez, com a morte de uma pessoa da família. Era o Rory (irmão da Rô), meu primo-irmão, que aos 16 anos, sofrera um trágico acidente de carro que ceifou sua vida. Aquilo me abalou profundamente, o impacto foi tanto que mal consigo me lembrar como foi o resto do ano. Fique indescritivelmente triste. E fiquei sem vontade de ir à escola. Mesmo assim eu ia, pois tinha desde criança uma convicção, que deveria estudar para me tornar “alguém na vida”. E com esse pensamento passei pela 6ª, 7ª e 8ª séries (e ainda penso assim até hoje).

Minha professora de Ciências da 7ª série foi uma pessoa que me marcou muito, a Mara Zampar (que anos depois, se tornou minha colega de trabalho na Escola Estadual José do Patrocínio, na Fazendinha, distrito de Macapá, bem como o Professor Luzinaldo Roberto, de Geografia, que também foi um dos meus “professores inesquecíveis” e que se tornou colega de profissão). A Professora Mara me fez gostar de Ciências mais do que já gostava. Eu não tenho nenhuma dúvida em dizer, que ela foi a Professora mais criativa, cativante e especial que tive em toda minha Educação Básica. Sempre desenvolvendo atividades diferentes, interessantes, conseguia transformar a sala de uma em um ambiente tão agradável e descontraído, que não tem como não querer ser uma Professora tão especial, quanto ela é! Que pena que foi somente por um ano.

Já na minha 8ª série (ano de 1999) foi particularmente interessante no que concerne às Ciências. Descobri que Física e Química, certamente seriam novas paixões em minha vida, juntamente com a Biologia. Adorava demais estudar Ciências na 8ª série, e já aguardava ansiosa por estudar as disciplinas isoladamente no Ensino Médio. Mesmo não sendo a melhor amiga da Matemática, sabia que precisaria dela como uma ferramenta para as disciplinas de Física e Química, e assim, comecei a prestar mais



atenção às aulas de Matemática do Professor Joenyr (que trabalhou Matemática, Matemática Financeira, Estatística e Física no Ensino Médio inteiro). Tínhamos muitas aulas com ele, então, tive que me acostumar com os números, apesar de eles nunca terem sido minha paixão!

6 ENSINO MÉDIO: NOVAS PAIXÕES E DESCOBERTAS PELAS CIÊNCIAS

Com muita expectativa quanto às Ciências, no ano 2000 iniciei meu Ensino Médio, com a consolidação da minha afinidade por Biologia, Física e Química. Apesar de não me sentir muito à vontade quando em um momento ou outro das disciplinas aludidas, precisássemos da Matemática, isso não se consolidou empecilho para que não gostasse das mesmas. Senti especial atração pela Física, porque a Biologia eu já amava desde a infância. No Ensino médio, tive meus primeiros contatos com as teorias de Albert Einstein e com as leituras de Stephen Hawking. Apesar de toda a complexidade dos temas tratados por esses autores, Cosmologia em um extremo e, Física de Partículas em outro, sempre foram assuntos que me fascinaram.

Da mesma maneira que me apaixonei por Química, especialmente, o estudo da Radioatividade. Lembro-me de ter lido um livro de Oliver Sacks, intitulado “Tio Tungstênio: memórias de uma infância química”, lançado em 2001. Fiquei encantada por saber que uma mulher, Madame Currie, tinha desenvolvido pesquisas notáveis e na área da radioatividade e isso me motivou ainda mais, a querer buscar mais conhecimentos. Dessa maneira, tenho a destacar que os conhecimentos reunidos nesse período foram imprescindíveis em minha formação. Bem como os Professores destas disciplinas que muito me inspiraram: minha querida Professora Ana Bitencourt (Química), Professora Marília (Biologia) e Professor Joenyr (Física), que se constituíram essenciais à construção do que eu sou hoje enquanto docente!

No último ano do Ensino Médio (2002), a vida me pregou mais uma peça. O meu namorado (diga-se de passagem, meu primeiro namorado), faleceu. Novamente vivenciei o processo de luto e tive depressão por dois anos. Mesmo assim, continuei estudando muito. Meus professores apostavam que eu escolheria a carreira de Bióloga. Mas no momento de me inscrever para o vestibular da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP), optei pelo curso de Enfermagem, acredito que motivada pela proximidade que sempre tive com os constantes problemas de saúde vivenciados em meu contexto familiar.



7 BREVE ABORDAGEM A TRAJETÓRIA DE MINHA GRADUAÇÃO EM LICENCIATURA E BACHARELADO EM ENFERMAGEM PARALELA AO INÍCIO DE MINHA CARREIRA DOCENTE

No ano de 2003 iniciei meu curso de Graduação em Enfermagem na UNIFAP, muito feliz pelo orgulho que dei a minha família, especialmente ao meu pai, que certa vez escutou de um primo “*Não te ilude que filho de pobre não se forma!*”. Escutei isso quando tinha sete anos de idade, e cresci querendo provar ao meu tio que ele estava errado, pois apesar da origem humilde, meu pai sempre trabalhou muito para que não faltasse nada aos seus filhos, especialmente a educação. E eu seria a primeira pessoa pobre da família a ingressar em um curso de nível superior, notadamente em uma Universidade Federal.

Avalio que tive um ótimo curso de graduação, aproveitei o máximo que pude, estudei muito, ao mesmo tempo em que sofri com o sofrimento das pessoas, pois as condições oferecidas pelas instâncias de poder público eram (e continuam sendo) precárias. Vi pessoas morrerem por negligência, imperícia e imprudência de vários profissionais, e não conseguia me calar perante essas situações, pois já tinha e tenho a concepção de que a vida é o bem maior, e que é válido lutar pelos pacientes até serem esgotados todos os recursos disponíveis.

Nessa trajetória de formação tive desentendimentos com professores, médicos, enfermeiros e técnicos de enfermagem durante os estágios que realizei, pois podia notar com enorme nitidez o descaso de muitos profissionais com a vida e com a profissão, assim, não conseguia entender o motivo de tanta individualidade e o que levava as pessoas a visarem apenas o lado financeiro. Mas nem tudo se reflete em coisas ruins, pois ao mesmo tempo em que tive que enfrentar muitos desafios, encontrei profissionais incríveis, dedicados e que tinham grande respeito pela vida das pessoas. Eram poucos, mas foram pessoas que me inspiraram a crescer enquanto futura profissional e enquanto ser humano: Professora Francineide Pena, Professora Liudmila Miyar (minha querida orientadora de TCC, para mim, um exemplo a ser seguido), Professora Joelma Pereira, Professora Olinda Consuelo, Professor Rinaldo, Professor Ronaldo, Professor Florianaldo Carreteiro... sempre foram exemplos para mim.

Ao longo de cinco anos de curso de graduação (2003-2008), continuei tratando a Enfermagem com muito respeito, mas era muito mais “amante” da Educação. Nesse período, trabalhei dois anos com as disciplinas Química e Biologia na rede estadual de ensino, mas em 2006, após a conclusão de meu curso de Magistério e a realização de um Curso de Capacitação oferecido pela Secretaria Estadual de Educação, comecei a trabalhar com Educação Especial, na área das deficiências múltiplas. Ao mesmo tempo em que estudava, fazia estágios e chorava a perda dos meus pacientes, via renovadas as minhas esperanças ao ver os pequenos, mas importantes passos, que meus alunos com necessidades específicas davam no dia a dia! Isso me fazia ter esperanças e encarar a Educação como profissão na qual eu contribuiria muito mais e sofreria muito menos. Assim acredito que “[...] a formação deve partir

do diálogo consigo e com o mundo na busca de autenticidade em nossas experiências” (SOUZA; FORNARI, 2008, p. 110). E para mim, a educação sempre foi algo autêntico.

Desta maneira, minhas vivências durante minha graduação em Enfermagem me fizeram pensar em outro caminho profissional. Assim, corroboro com o pensamento de Souza e Fornari (2008, p. 112), que mencionam o seguinte: “[...] no caminhar, no fluxo vivencial, estamos no mundo da vida, ou seja, estamos vivendo como seres históricos que, na transformação, se transformam”. Assim, devido a todas as coisas difíceis pelas quais já havia passado, e que sabia que as demais pessoas também passavam, inclusive, com problemas muito maiores que os meus fui me centrando cada vez mais nos estudos (algo que sempre gostei) e realmente fui me transformando. E esse processo de (trans)formação perdura até os dias atuais.

8 TORNAR-ME, CONSTRUIR-ME PROFESSORA

Em meio a um contexto repleto de desafios, iniciei aos 19 anos de idade minha carreira docente. Em março de 2004 (ainda no segundo ano da Graduação em Enfermagem), comecei a ministrar aulas de Química e Biologia. Parece ser muito estranho uma aluna do curso de Licenciatura e Bacharelado em Enfermagem trabalhando com essa disciplina, mas no estado do Amapá não tinha nenhuma instituição de ensino superior que oferecesse o curso de Licenciatura em Química à época, então os alunos de graduação em Enfermagem e Biologia que tivessem oportunidade, ministravam essas disciplinas nas escolas, pois os professores que existentes no estado com formação nessas áreas não cobriam a enorme carência que existia (e ainda existe) nas escolas.

O emprego de professora “*caiu como uma luva*”, tanto no que diz respeito a motivos pessoais, quanto aos financeiros. Me apaixonei pela docência e ao contrário de muitos colegas, me envolvi intensamente com a Educação, e não a via como um “*quebra galho*” no que diz respeito a termos financeiros, ao contrário, intensifiquei a busca por conhecimentos na área, ao fazer o curso de Formação de Professores para as séries iniciais (o chamado Magistério) paralelo ao curso de graduação em Enfermagem. Concluí o curso de Magistério em dezembro de 2005 e me vi completamente imersa na Educação, muito mais que na Enfermagem, pois devido a meu sofrimento com as várias problemáticas que envolviam meus pacientes, me identifiquei profundamente com a docência e pensava seriamente, enquanto cursava a graduação, que seguiria depois de formada a carreira de Professora. E essa carreira, de Professora, para mim, será sempre uma construção, um processo no qual me transformo a cada dia.

9 ENFERMEIRA, BIÓLOGA, PEDAGOGA, MESTRA E DOUTORA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS E MATEMÁTICAS

É evidente que desde o início de minha carreira docente, percebia que essa é uma área que tem muito a melhorar, cheia de desafios e tal como a saúde, sofre com a falta de honestidade dos representantes políticos, além de ser pouco valorizada em termos financeiros. A Educação é vista por muitas pessoas como uma profissão na qual “*não vale a pena investir*”, inclusive ouvia isso de alguns colegas de classe em comentários como: “*Mas é muita coragem querer ser Professora! Professor ganha mal. Como Enfermeira você vai ganhar o dobro, o triplo, vai ganhar muito mais*”. Mas apesar do dinheiro não ser mais importante para mim, mesmo assim, resolvi me inscrever em agosto de 2008, em um curso de Especialização em Unidade Terapia Intensiva, pois em todo o estado do Amapá existiam apenas duas enfermeiras com essa especialização e pensei que seria um diferencial. Concluí o curso em junho de 2009, e ele foi importante para eu saber DEFINITIVAMENTE que minha carreira iria trilhar pelos caminhos da Educação.

Foi então que no ano de 2009 vim morar em Belém do Pará. Longe da família e sem emprego, acostumada com uma rotina de trabalho e sempre cheia de afazeres, não conseguiria “*ficar parada*”, fui à UFPA, diretamente no Instituto de Ciências da Educação (ICED) procurar informações sobre os cursos de Pós-Graduação, pois desde a graduação, tinha o sonho de ingressar no Mestrado; foi então que fui informada que estava aberto o edital para o curso de Pós-graduação *lato sensu* em Políticas de Gestão e Financiamento da Educação. Fiz minha inscrição, apresentei projeto, currículo e fui aprovada. Foi um excelente curso, que contribuiu enormemente para minha formação enquanto educadora, a medida em que ampliou minha compreensão a respeito das políticas públicas educacionais que regem nosso país, bem como a questão do planejamento orçamentário deste setor. Pude entender do que se trata uma política pública, de que forma o Estado viabiliza e executa seus planejamentos educacionais. Foi de grande valia ter realizado este curso.

Imersa no meio acadêmico, fui informada a respeito do curso de Mestrado ofertado pelo antigo Núcleo Pedagógico de Apoio ao Desenvolvimento Científico (NPADC), atual Instituto de Educação Matemática e Científica (IEMCI), que era destinado a professores com formação nas áreas de Matemática, Biologia, Física ou Química e a pessoas com experiência comprovada em uma dessas áreas. Então, no ano de 2009, enquanto fazia o curso ofertado pelo ICED, comecei a realizar as leituras para fazer a seleção do IEMCI.

Assim, no primeiro semestre do ano 2010, iniciei uma nova etapa em minha vida. Estava ansiosa, cheia de expectativas, pois iria me lançar ao tão sonhado desafio de fazer um curso de Mestrado. Foi nesse contexto, que iniciei em 2010 a primeira disciplina a ser ofertada no curso: Bases Epistemológicas da Ciência. Eram grandes as perspectivas em relação à mesma. Muito se ouvia falar sobre o quanto seria desafiante entrar em contato com todos os autores que teríamos de conhecer, e ao



mesmo tempo dar conta de preparar nossos textos, e ao final da disciplina, teríamos que entregar um artigo! Muitos nem faziam ideia de como começar a fazer isso, inclusive eu!

Era realmente uma experiência nova, desafiante. Quando vi o programa da disciplina e a lista dos teóricos que teríamos de ler, quase desmaiei! Eu já imaginava que não seria fácil, mas me lancei ao desconhecido e formei uma dupla com a mestrande Lêda Valéria para fazermos juntas um seminário sobre o livro “O ponto de Mutação” de Fritjof Capra, pois este era o único autor da lista que eu já tinha algum conhecimento, já que eu vim de uma formação extremamente positivista, não conhecia os teóricos da disciplina e eu já havia assistido o filme “O ponto de mutação” no ano de 2009 no curso de Especialização que realizei no ICED. Assim, iniciei a leitura do livro de Capra e me encantei profundamente com a temática, que era novidade para mim. Fiquei tão empolgada que inclusive comprei vários outros livros do autor ao receber minha primeira bolsa de Mestrado. Cheguei a assistir algumas apresentações de seminários dos colegas, e estava muito feliz.

Mas, foi aí que minha trajetória foi interrompida! Meu pai (novamente) sofreu um terrível acidente automobilístico e ficou em coma devido a um traumatismo cranioencefálico. Além disso, meu ex-sogro foi diagnosticado com um terrível carcinoma renal de células claras, com metástases cerebrais, pulmonares e ósseas. Não tive estrutura emocional para enfrentar a situação, pois com a possibilidade de perder meu pai e acompanhando o sofrimento diário de uma pessoa tão querida, que não tinha mais chances de se recuperar, vi minha vida completamente afetada e não estava mais em condições de continuar o curso. Foi então que abandonei a disciplina de Bases e as demais atividades do Programa para ficar junto a meu pai, em Macapá, onde ele tinha sido atropelado. Iria ser desligada do Mestrado, mas graças à compreensão da Coordenação do PPGECM, tive a possibilidade de continuar o curso e reingressar nas atividades do Programa no mês de agosto de 2010. Infelizmente, meu ex-sogro não resistiu às mazelas provocadas pelo carcinoma renal e faleceu, mas meu pai, superando todas as expectativas, conseguiu sair com vida de toda a problemática enfrentada, mesmo ficando com algumas sequelas. Após todo sofrimento da perda e toda a alegria de ver meu pai aos poucos se recuperar, retornei para Belém e enfrentei novamente os desafios do Mestrado, só que desta vez, me cobrando muito mais, especialmente pelo voto de confiança que me foi dado pela Coordenação do Programa, em especial pelas professoras Dra. Isabel Lucena e Dra. Nádia Freitas, que levaram o caso à reunião de colegiado e pediram o meu não desligamento do Programa com o reingresso no próximo semestre.

Desta forma, no segundo semestre de 2010, cursei cinco disciplinas ofertadas pelo Programa, quais sejam: Tendências em Educação em Ciências; História da Ciência no Ensino de Ciências; Meio Ambiente e Formação Docente; Afetividade e Construção de Conhecimentos Científicos: Um enfoque histórico-cultural; Cinema, Escrita, Experiência e Formação e Bases Epistemológicas da Ciência. Duas



destas disciplinas culminaram com a publicação de quatro Artigos em eventos nacionais e internacionais da área.

No ano de 2011, sentindo imensa necessidade de ampliação dos meus conhecimentos concernentes às Ciências, iniciei a minha Graduação em Licenciatura Plena em Ciências Biológicas, paralela às atividades do Mestrado. Um novo desafio para mim! Que me acrescentou muito em minha formação específica no ensino de Ciências. A presente graduação foi concluída em agosto de 2013, um ano após eu ter concluído meu curso de Mestrado.

Considero todas as atividades realizadas no decorrer do Mestrado importantíssimas a minha (trans)formação, e dou destaque especial a disciplina Bases Epistemológicas da Ciência, bem como a participação no “Grupo de Pesquisas em Educação em Ciência, Tecnologia, Sociedade e Ambiente” e no “Grupo de Pesquisa Educação, Ciência e Sustentabilidade na Amazônia”. Estas atividades foram essenciais a minha formação, posto que me proporcionaram o delineamento de reflexões teóricas, que forneceram o embasamento teórico, metodológico e epistemológico necessários para o desenvolvimento do meu texto de Dissertação. Desta maneira, “[...] Produzir sentidos com base em reflexões teóricas foi um desafio fundando sobre o diálogo [...]” (SOUZA; FORNARI, 2008, p. 109), algo, ao meu entender, muito presente e valorizado no presente curso de Mestrado.

Meu foco de estudos no Mestrado foi a apropriação de conhecimentos científicos sobre os Alimentos Transgênicos (AT) sob o enfoque CTS. Este por sua vez, trata das relações Ciência-Tecnologia-Sociedade, uma perspectiva muito falada e difundida no ensino de Ciências, que visa, dentre outros aspectos, a formação do cidadão crítico e a tomada de decisão, baseada em pressupostos científicos. Entretanto, para que isso seja possível, “[...] Ainda há a necessidade de [se] destacar que o exercício da docência envolve saberes específicos, os saberes pedagógicos e os saberes construídos nos espaços da experiência” (VEIGA, 2008, p. 19). Saberes dos quais, tive a oportunidade de compartilhar, com os docentes que participaram de minha formação neste curso de Pós-Graduação.

Minha Dissertação edificada com o título “Apropriação de conhecimentos científicos: uma abordagem aos alimentos transgênicos” foi defendida em 30 de maio de 2012. Dela, foi publicado um livro em maio deste ano, a convite de uma editora alemã que se interessou pelo tema de pesquisa. Também temos a destacar, que os dados empíricos recolhidos durante a realização do curso de Mestrado, me possibilitaram ingressar para o curso de Doutorado no ano de 2013. Em minha Tese foram estudadas as possibilidades e limitações da utilização de controvérsias sociocientífica no ensino de Ciências, na qual foi desenvolvido “o caso simulado do açaí transgênico na Amazônia”. Mas as aventuras do doutorado e da maternidade atípica vão aparecer em outro momento de escrita em um novo texto. É importante frisar que demorou, mas consegui!



10 PARA NÃO ENCERRAR

Considero que a educação em minha vida foi antes de tudo uma escolha, algo pelo qual me apaixonei, desde o primeiro dia em que adentrei em uma sala de aula. A emoção que senti, naquela primeira vez, em março de 2004, perdura, pois até hoje, quase 20 anos depois... E assim acredito que continuará! Cada vez que adentro em uma sala de aula e vejo o rosto dos meus alunos, cheios de conhecimentos prévios, apreensões, dúvidas, e outros sentimentos que temos enquanto alunos... Tenho uma sensação boa, o famoso “frio na barriga”. Então vejo o reflexo de minha escolha reverberado no sentido de apreensão do gostar do que faço. Ser professora para mim é a realização materializada dos meus desejos concernentes a uma das escolhas mais importantes que fiz em minha vida: construir-me, formar-me professora. Escolha da qual sempre acreditarei! A qual penso que sempre poderá ser renovada pelo sentido que darei à minha escolha, cada vez que ministrar aulas e me sentir feliz por isso, pelo simples fato de aprender “coisas novas” a cada vez que adentro neste espaço, para mim sagrado, a sala de aula.

Assim, reconheço como essencial para a profissão docente, a crescente e constante necessidade de aprimoramento. Faço minhas as palavras do grande educador Freire (1998, p. 25) “[...] quem forma se forma e re-forma ao formar e quem é formado forma-se e forma o ser formado”. Desta maneira, almejo muito dar continuidade em minha “aventura” de vida, que é ser Professora de Ciências, na esperança de que devo contribuir de alguma maneira, para as melhorias do ensino de Ciências, visto que acredito que um ensino de Ciências transformador seja capaz de promover nos alunos uma argumentação qualificada a partir do conhecimento de conteúdos científicos e com desdobramento para a tomada de decisão, o que certamente, poderá torná-los dotados da capacidade de reflexão acerca de seus pensamentos, aprendendo a reformulá-los a partir das vivências de sala de aula e das leituras de material científico. Assim, estes sujeitos poderão mediar conflitos por meio do diálogo e da tomada de decisão baseada em argumentos qualificados, com base em seus conhecimentos científicos, que serão edificados por intermédio de uma formação, proporcionada por docentes qualificados e críticos.

Acredito que somente por meio da renovação do ensino de Ciências será possível formar cidadãos mais críticos. Nesse sentido, retomo ao pensamento de Hawking, que deu início a esse texto, destacando que a minha busca por descobertas é incessante! Mas que descobertas seriam essas? Não só as que dirão respeito à minha prática docente, mas, notadamente, àquelas concernentes à pessoa, ao ser humano renovado e transformado que me torno (ou penso me tornar a cada dia) com as experiências e vivências da minha profissão, que tanto amo.

E o futuro? Não sei se será bom! Espero ajudar a construir algo melhor, nesta sociedade que tanto urge professores que amam o que fazem, mas que também esperam reconhecimento e valorização, pela importância que desempenham na sociedade.



REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. 7 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2007. p. 152.

GADAMER, Hans-Georg. *Verdade e método I: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica*. 7 ed. Petrópolis: Vozes, 2005. p. 368.

HAWKING, Stephen. *O Universo numa casca de noz*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009. 216 p.

HAWKING, Stephen; MLODINOW, Leonard. *O grande projeto: novas perspectivas para as questões definitivas da vida*. 2011. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011. 150 p.

SOUZA, Elizeu Clementino; FORNARI, Liege Maria Sitja. *Memória, (Auto)Biografia e Formação*. In: VEIGA, Ilma Passos Alencastro; D'ÁVILA, Cristina Maria (Orgs.). *Profissão Docente: novos sentidos, novas perspectivas*. Campinas, São Paulo: Papirus, 2008. p. 109-134.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro. *Docência como atividade profissional*. In: *Profissão Docente: Novos sentidos, novas perspectivas*. VEIGA, Ilma Passos Alencastro; D'ÁVILA, Cristina Maria (Orgs.). Campinas, São Paulo: Papirus, 2008. p. 13-22.